

METÁFORAS DO WIKILEAKS

Alberto Cirilo Paz de Lima ¹

1 INTRODUÇÃO

O *WikiLeaks* é um site dedicado à publicação de documentos vazados por fontes anônimas em empresas ou governos, criado pelo *hacker* australiano Julian Assange. Até o momento, foram divulgadas informações sigilosas de um banco Suíço, material sobre a Cientologia, arquivos relacionados ao desvio de dinheiro público por parte do governo do Quênia, além de milhares de documentos dos Estados Unidos sobre as guerras do Afeganistão e do Iraque, entre outros.

A atitude de Assange e o surgimento do *WikiLeaks* suscitaram discussões em torno dos limites da liberdade de expressão e da livre imprensa, bem como sobre os métodos da Diplomacia Internacional e da transparência governamental (LAFER, 2011). Jornalistas, políticos e observadores diversos teceram análises e se posicionaram diante de cada novo vazamento: o vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, classificou Assange como “terrorista hi-tech”² (MACASKILL, 2010); a ex-governadora do Alasca, Sarah Pallin, afirmou que o australiano deveria ser caçado como os líderes da rede Al-Qaida por colocar americanos em risco ³ (HUNT, 2010; LEIGH; HARDING, 2011); para o líder cubano Fidel Castro, Assange teria colocado os Estados Unidos ‘de joelhos’ (DOMINGOS; COUTO, p. 41); o Ministro Italiano das Relações Exteriores disse que os vazamentos são o “11 de setembro da diplomacia” (KENNEDY, 2010) ⁴. Outros epítetos empregados ao se descrever Assange são: *ciberativista, paranoico, irresponsável, ciberguerrilheiro, messias da informação, sociopata*.

Do ponto de vista linguístico, cabe lembrar que, enquanto falantes, os representantes de governos e instituições se expressam discursivamente através de processos conceptuais de que, em geral, não nos damos conta. De acordo com Lakoff e Johnson (1980/2002), o fenômeno da metáfora deve ser entendido não apenas como recurso disponível, próprio à linguagem literária

¹ Mestrando em Ciência da Informação (IBICT, UFRJ)

² “*I would argue it is closer to being a hi-tech terrorist than the Pentagon papers*”.

³ “*His past posting of classified documents revealed the identity of more than 100 Afghan sources to the Taliban. Why was he not pursued with the same urgency we pursue al Qaeda and Taliban leaders?*”.

⁴ “*the 9/11 of world diplomacy*”.

(de natureza conotativa), para dizer uma coisa em termos de outra (FILIPAK, 1983), mas um tipo de operação metacognitiva, um mecanismo usual e fundamental na linguagem cotidiana. Na obra desses autores (*Metaphors we live by*), o conceito de metáfora e de figuras de linguagem em geral se funda em bases inovadoras, de tal maneira que se configura uma mudança importante quanto à abordagem e à compreensão de processos semânticos até então imputados ao discurso artístico e literário.

Para enquadrar Assange na categoria de “terrorista”, é produtivo, linguisticamente, o uso de metáforas, empregadas intencionalmente por quem não quer que mais vazamentos ocorram e mais documentos sejam revelados, ligando à sua pessoa a imagem do “combatente inimigo”, do “subversivo” e até mesmo do “alvo a ser eliminado”. Em contrapartida, há quem considere que se trata de um movimento de contestação, de desobediência civil, uma luta por transparência, com Assange desempenhando papel de destaque como uma espécie de messias cibernético, um herói (LEIGH, HARDING, 2011). Com isso, constata-se que há duas faces em jogo, a positiva e a negativa, e por esse motivo cabe buscar o entendimento do *ethos* de Assange e, por derivação, do site que ele criou (MAINGUENEAU, 2005).

Devido à novidade do tema, são poucos os textos teóricos disponíveis até o momento. Até o fechamento do texto deste trabalho, foram publicados no Brasil quatro livros sobre Julian Assange e o *WikiLeaks* e numerosos artigos jornalísticos de opinião. A amostra aqui analisada foi extraída do livro de Leigh e Harding (2011), jornalistas do jornal britânico *The Guardian*, que foi o primeiro a ser publicado no Brasil sobre o assunto.

2 VISÕES SOBRE METÁFORA

Conforme comentado anteriormente, a teoria contemporânea sobre metáfora a concebe como figura do pensamento. Para entender como essa visão é uma mudança em relação à forma como era entendida, será abordada brevemente a visão tradicional de metáfora, segundo alguns autores.

Do grego *metá* = trans + *phérein* = levar (PEREIRA, 1976, apud FILIPAK, 1983), metáforas são consideradas como ornamento, utilizado no âmbito da Poética e da Retórica e não recomendado para o discurso científico. Na definição de Aristóteles, metáfora é a “transferência para uma coisa do nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou

da espécie de uma para o gênero de outra, ou por analogia” (FILIPAK, 1983; RICOUER, 2005, p. 24). Segundo Eco (1974, p. 92) “a metáfora é uma figura de substituição de um elemento da linguagem por outro”, seguindo a tradição aristotélica. Whately (apud Filipak, 1983, p. 99) também admite essa definição ao afirmar que metáfora é “uma palavra substituída por outra”. No Dicionário Aulete ⁵, metáfora é uma “figura de linguagem que consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra”. No Novo Aurélio (FERREIRA, 1999, p. 1326), o termo é definido como “tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa e que se fundamenta numa relação subentendida entre o sentido próprio e o figurado”. No dicionário Houaiss (2001, p. 1907), o tropo é concebido como a “designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança”. No Michaelis ⁶, trata-se do “emprego de uma palavra em sentido diferente do próprio por analogia ou semelhança: *Esta cantora é um rouxinol* (a analogia está na maviosidade)”.

Essa concepção de metáfora passa a ser criticada no século XX e se consolida com Lakoff e Johnson na década de 1970, um marco a partir do qual diversas propostas teóricas são postuladas em diferentes domínios científicos (FILIPAK, 1983; GIBBS apud ZANOTTO, et al, 2002). Para Lakoff e Johnson (1980/2002, p. 45), “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. Por meio do emprego dessas construções, nossas ações são guiadas, até mesmo em questões menores, do dia a dia. Os autores colocam: “já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema” (p. 46).

Exemplos como “discussão é guerra” e “tempo é dinheiro” ilustram a tese. A partir da compreensão de tais concepções, utilizamos expressões como “ganhar uma discussão”, “atacar” ou “derrubar o argumento”, “desperdício de tempo”, “gastar o tempo”, “perder tempo”, “investir tempo”. Essas expressões são usadas comumente no discurso, mas também norteiam nossa maneira de agir. Se em nossa cultura uma discussão fosse percebida como uma forma de dança, nossa atitude em um debate seria também outra. Assim, as **metáforas estruturais** são aquelas que estruturam um conceito em termos de outro (Lakoff; Johnson, 1980/2002).

⁵ <<http://aulete.uol.com.br>>

⁶ <<http://michaelis.uol.com.br>>

As **metáforas orientacionais** são assim denominadas porque a maioria delas está relacionada a orientações espaciais, tais como nas oposições para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás. Como exemplo os autores apresentam o conceito de “feliz é para cima e triste é para baixo”. Sentenças como “Eu estou me sentindo para cima”, “Aquilo levantou meu moral”, “Meu astral subiu”, “Eu caí em depressão”, “Estou no fundo do poço” (p. 60) ilustram a oposição. O conceito reaparece no processamento de estruturas linguísticas como “Consciente é para cima, Inconsciente é para baixo” e nos exemplos “Eu já estou de pé”, “Ele se levanta cedo”, “Ele caiu no sono”. Também é o caso de estruturas nas quais os usuários operam associações do tipo: “saúde e vida são para cima; doença e morte são para baixo”, como nos exemplos “Ele está no auge de sua força física”, “Ele caiu doente”, “A gripe o derrubou”, “A saúde dele está declinando”.

Por último, as **metáforas ontológicas** dizem respeito a formas próprias do ser humano conceber e lidar com “eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias” (p. 76). Os autores exemplificam com o conceito de inflação, que é a experiência de aumento de preços, mas é descrita como um inimigo, como na sentença “Precisamos combater a inflação”, entre outras construções que auxiliam na compreensão do termo, amplamente utilizado em escritos da área de Economia, todavia, nem sempre se percebe a base metafórica.

É relevante considerar também a face política de Lakoff. Militante do Partido Democrata norte-americano, Lakoff escreveu artigos e livros nos quais explica como as respectivas visões de mundo de democratas e republicanos condicionam o entendimento sobre a política de seu país. O pesquisador também criticou o discurso político norte-americano por ocasião da primeira guerra do Iraque, na reação ao 11 de setembro e na segunda guerra do Iraque, que apresentam elementos marcadamente metafóricos, como a conceptualização de Estados associados a pessoas ou relacionados ao emprego de estruturas clássicas de contos de fadas que utilizam as figuras como vilões, heróis e vítimas (LAKOFF, 1991; 2001). Para o autor, existe um sistema de categorização mental extenso, automático, aparentemente inconsciente. O falante utiliza-o no dia a dia, nas relações internacionais, e é possível observar e analisar em discursos proferidos por autoridades para justificar uma ação: um país pode ter sido “estuprado”; um governante inimigo pode ser um “monstro” ou mesmo um “demônio”, ataques podem ser “cirúrgicos”, entre outras construções (LAKOFF, 1991). Segundo Lakoff (2001), a idéia de “crime” passou para a de “terror”, nos primeiros discursos em resposta ao 11 de setembro, e todo um curso de ação foi tomado a partir disso. Conceptualizações semelhantes são identificadas para descrever Julian Assange e, por

consequente, o *WikiLeaks*, como pode ser visto nos dados extraídos da amostra selecionada para estudo, na seção seguinte.

Cumpramos esclarecer então que estamos adotando o conceito de gramática emergente do discurso, das necessidades comunicativas dos falantes, o qual se contrapõe ao de Chomsky (1965), de competência linguística. A noção de língua de que partimos supõe necessariamente os usos reais da linguagem em contextos diferenciados, em enquadres discursivo-pragmáticos distintos na fala e na escrita. Por conseguinte, supomos a existência de uma competência comunicativa, além da competência linguística (noção tecnicamente postulada por Chomsky) que implica que os falantes fazem uso funcional da linguagem a depender dos enquadres interacionais e de conteúdos proposicionais e informacionais a serem processados e transmitidos. Na visão chomskiana, a língua é herdada geneticamente, porque já vem inscrita no genótipo dos indivíduos desde o nascimento, de modo que sua aquisição se dá involuntária, inconsciente e inexoravelmente em todos os falantes na mais tenra idade. Sendo assim, independe da quantidade e da qualidade do *input*, de forma que todos os seres humanos adquirem um sistema linguístico desprovidos que sejam de algum comprometimento neurofisiológico. Sob tal perspectiva, Chomsky entende que os falantes nativos possuem uma potencialidade específica à linguagem, concebida como uma competência internalizada e concebe a mente modularizada. Para Chomsky e para os formalistas, portanto, língua situa-se dentro dos falantes e independe de qualquer contexto de fala. Desta feita, língua é atemporal, assujeitada, internalizada e completa. Trata-se de competência natural e sua explicitação prescinde das situações de uso, das interações, de qualquer variável situacional, temporal e histórica.

A noção de língua que dá respaldo à presente pesquisa, em contraposição, apoia-se no conceito de competência comunicativa, postulado inicialmente por Hymes (1974), também conhecido por competência pragmática ou competência informacional. Nesse caso, é imprescindível e necessário reportar-se à visão interacionista da linguagem apoiada em Vigotsky (1987), cujo pressuposto é o de que a comunicação linguística opera numa co-construção entre interlocutores, entre os agentes de uma dada situação discursiva no *continuum* oral/escrita.

O paradigma funcionalista encontra raízes na Pragmática e concebe a gramática forçosamente dependente do contexto (contrariamente à visão formalista, aludida anteriormente). Assim, os usos linguísticos são intencionais e emergem das necessidades e dos propósitos comunicativos dos falantes. As estruturas linguísticas são codificadas gramaticalmente de modo a

produzir os efeitos de sentido que se quer imprimir. Ora, se a informação é “embalada” segundo os propósitos comunicativos dos falantes, parte-se do princípio de que o processamento linguístico não é, portanto, aleatório.

Não por acaso o cognitivista Lakoff, surgido originalmente da Semântica Formalista (de orientação gerativista), reconsidera a noção de metáforas, ao verificar que a linguagem do cotidiano também opera majoritariamente e voluntariamente com base em mecanismos associativos que provocam sentidos bem marcados e funcionais do ponto de vista semântico-discursivo. Por isso, o presente estudo também encontra raízes teóricas no Cognitismo.

3 ANÁLISE DOS DADOS: ALGUMAS INTERPRETAÇÕES

Metáforas para descrever Assange e o *WikiLeaks* são empregadas em livros e artigos, formando um amplo leque de autores que se detiveram sobre as divulgações feitas pelo site e teceram considerações e comentários contra e a favor dele. Note-se que um fenômeno que se replica em padrões semelhantes é passível de estudo científico, dado que é sistemático e, portanto, previsível. Este artigo, então, não busca analisar processos casuais ou fortuitos, mas fenômenos sistemáticos. Cabe notar que os documentos não estão sendo controlados do ponto de vista dos gêneros discursivos, nos termos de Swales (1990).

A percepção de que a referência identitária de Assange está ligada ao *WikiLeaks*, conforme ocorre também entre outras personalidades no mundo dos negócios, quando fundadores de empresas atuam como seus porta-vozes, sendo chamados para dar entrevistas e falar sobre os serviços que oferecem, é atestada por Domingos e Couto (2011, p. 25), ao afirmarem que as “origens do *WikiLeaks* se confundem com a história do próprio criador”. O ex-porta-voz do site, Daniel Domscheit-Berg, cita uma das colaboradoras do *WikiLeaks* a criticar Assange dizendo: 'Então, pelo que diz, Julian, VOCÊ é o WL e todos os outros, apenas seus servos a quem você atribui confiança' (DOMSCHEIT-BERG, 2011, p. 222, ênfase no original). Todavia, o *WikiLeaks* pode, afinal, beneficiar-se da projeção da imagem de Assange, pois faria de si um “lugar” de contestação por excelência: qualquer pessoa que tenha interesse em vazar documentos sigilosos passa a saber a quem recorrer.

O livro de Leigh e Harding (2011), articulistas do jornal britânico *The Guardian*, que foi o primeiro a ser publicado no Brasil sobre Assange e o *WikiLeaks*, em 250 páginas, procura contar a

história do site e de seu criador, com capítulos sobre os planos para a divulgação dos documentos, com informações sobre o soldado Bradley Manning – provável fonte dos vazamentos – e sobre o périplo de Assange pela Suécia, que lhe rendeu dois processos por estupro. O apêndice do livro transcreve alguns dos telegramas diplomáticos divulgados.

Neste artigo são oferecidos tão somente alguns poucos exemplos de processos conceptuais metafóricos, bastante produtivos, reportados a Assange e, por conseguinte, ao *WikiLeaks*. Observe-se (1) abaixo.

(1) “No intervalo de onze meses, Assange tornou-se *viral*” (p. 16).

Por “viral” entende-se uma espécie de campanha que utiliza modos de divulgação de informação, muito utilizada em redes sociais, a ser repassada e replicada pelos próprios internautas espontaneamente. Na amostra, a metáfora “viral” (em outros contextos) se codifica linguisticamente como adjetivo e é recodificada pelos sintagmas nominais “marketing viral” e “publicidade viral”, com o propósito de representar determinado processo conceptual, tal como concebido por Lakoff e Johnson (1980/2002), conforme comentado anteriormente. Cabe destacar que, diante da pressão exercida sobre o *WikiLeaks*, quando da divulgação dos documentos vazados, vários sites-espelho (*mirror sites*) surgiram, reproduzindo o conteúdo do site original. Essa também é uma característica ligada à metáfora ora analisada que, cunhada da área de Saúde, constitui processo analógico com o sentido de “vírus”, não como elemento/germe que contamina, mas pelo seu poder de reduplicação /contaminação transpostos para o ambiente virtual.

É possível dizer, então, que Assange tornou-se uma celebridade e se multiplicou por meio de entrevistas, matérias de jornais, blogs, notícias diárias. O mecanismo de multiplicação em cadeia é tão produtivo, que diversos sites com proposta igual à do *WikiLeaks* vêm proliferando, como o Balkan Leaks ⁷, o Brussels Leaks ⁸, o Indo Leaks ⁹, o OpenLeaks ¹⁰, o RuLeaks ¹¹, o Trade Leaks ¹² e também a *Transparency Unit*, da rede de tv Al Jazeera ¹³.

Observe-se o trecho em (2):

⁷ <<https://www.balkanleaks.eu/>>

⁸ <<https://brusselsleaks.com>>

⁹ <<http://www.indoleaks.org/>>

¹⁰ <<http://www.openleaks.com>>

¹¹ <<http://ruleaks.net/>>

¹² <<http://www.tradeleaks.com/>>

¹³ <<http://transparency.aljazeera.net/>>

(2)“Considerado por alguns um messias das novas mídias, para outros ele é um ciberterrorista”. (p. 17)

Em (2), procede considerar em separado as formas “messias” e “ciberterrorista”.

A ideia do messias remete à tradição judaico-cristã e contém traços de sentidos de natureza metafísica. Neste caso, o processo metafórico opera na direção de construção de identidade positiva. Na amostra, encontramos o sintagma nominal “messias da informação”, com propósito similar de construção identitária positiva. Consta-se a atribuição divina a Assange em (3).

(3) “na vida eletrônica [...], um deus” (p. 52)

Ainda no âmbito religioso, atestam-se outros processos metafóricos.

(4) “são Sebastião da era da internet, um mártir perfurado pelas muitas flechas dos incrédulos” (p. 229).

Cognitivamente, o processo de associação de Assange a um mártir pressupõe conceptualmente sofrimento com beatificação: o autor (ou o representante para o grande público do *WikiLeaks*) presta tarefas de divulgação de conteúdos que lhe custam sacrifício e que, no entanto, o santificam.

Ainda no âmbito religioso, Castells (1999, p. 425), ao tecer considerações sobre as novas formas de poder na Era da Informação, destaca um tipo de sujeito que ele chama de *profetas*. O trecho transcrito a seguir deixa clara a importância e a recorrência da metáfora *profetas* no caso em estudo e em outros contextos:

“personalidades simbólicas cujo papel não implica exercer a função de líderes carismáticos [...] mas sim emprestar uma face (ou uma máscara) a uma insurreição simbólica, de modo que possam falar em nome dos rebeldes. Assim, os rebeldes sem meios de expressão passam a ter uma voz que fala por eles, garantindo à sua identidade o acesso ao campo das lutas simbólicas além de uma chance de tomar o poder – nas mentes das pessoas”

Assumir a identidade profética corresponde a ocupar novo lugar de poder, que estaria baseado “nos códigos da informação e nas imagens de representação em torno das quais as sociedades organizam suas instituições e as pessoas constroem suas vidas e decidem o seu comportamento” (p. 423).

O prefixo “ciber”, por seu turno, mostra-se também produtivo. É usado também para formar a palavra “cyberpunk” (p. 250), que sugere a união entre tecnologias digitais e a cultura punk, sintagma usado pela primeira vez na ficção científica, assim como a forma nominal ciberespaço (CARDOSO; MELO, 2009) que imprime processo conceptual reportado ao contexto virtual. “Ciber” será também combinado com “messias” para compor a expressão “novo tipo de cibermessias” (p. 20), conceito popularizado pelos irmãos Wachowsky nos filmes da trilogia Matrix, no qual o salvador da humanidade será Neo, um *hacker* (AMARAL, 2005). Esse neologismo será utilizado para estabelecer um contraste entre aqueles que veem Assange de modo positivo e aqueles que pensam nele como um “vilão de James Bond” (p.20). A expressão “vilão platinado” também é utilizada (p. 250), em provável alusão a seus cabelos brancos (o soldado Manning, provável fonte dos vazamentos, em diálogo com o *hacker* que o denunciaria, fala de Assange como “australiano maluco de cabelo branco” (p. 43)). Curiosamente, um perfil escrito sobre Assange no jornal *The New York Times*, que o deixou bastante contrariado, enfatiza o processo por estupro na Suécia e cita o próprio australiano: “Eles me chamaram de James Bond do jornalismo. Eu arrumei muitas fãs, e algumas delas acabaram me criando problemas” (p. 168). Então, duas imagens, em princípio colidindo, são projetadas: uma de vilão e outra de herói, uma de vilão de James Bond, outra como o próprio herói.

A forma nominal “ciberterrorista” (p. 17, 26), mecanismo linguístico de recategorização substantivo>sintagma nominal, que se mostra produtiva nos dados. Procede perguntar, por isso, qual a imagem afinal que se mantém predominante e quais os processos linguístico-conceptuais que concorrem para a constituição identitária negativa ou positiva. Esta questão situa-se no bojo de nossa investigação e se mostra relevante para o caso em estudo e em outros que estão no aguardo da pesquisa científica. Finalmente, o emprego do termo “terrorista” conforme (2) junto ao prefixo “ciber”, suscita alguns comentários. Em pesquisa encomendada pela *TV ABC News* e pelo jornal *The Washington Post*, a maioria dos americanos acha que Assange deveria ser processado

por ter publicado os documentos que obteve ¹⁴. Anteriormente, na introdução a este artigo, foi citado o vice-presidente dos Estados Unidos a classificar o *hacker* australiano como “terrorista hi-tech” (MACASKILL, 2010) e a ex-governadora do Alasca, Sarah Pallin, a propor que Assange seja caçado como os líderes da rede Al-Qaida (HUNT, 2010; LEIGH; HARDING, 2011). Terrorista é uma organização ou alguém que utiliza atos de violência para obter ganhos políticos, seja por meio do enfraquecimento das instituições governamentais existentes, seja para provocar uma reação ainda mais violenta por parte das autoridades, fazendo com que assim percam sua legitimidade, o que fará com o grupo ou as pessoas que inicialmente provocaram a reação pareçam melhores aos olhos da opinião pública (VARGAS LLOSA, 2010). As novas tecnologias da informação e da comunicação passaram a afetar o mundo dos negócios, questionaram as barreiras que separam o público do privado e lançaram novos problemas na relação entre Estado e indivíduos. O *WikiLeaks* insere-se neste quadro. Seu “ato de violência” foi divulgar documentos sigilosos. Para Guesser (2007, p.80), “toda a ferramenta que permita potencializar ou facilitar o manuseio da informação representa um elemento importante no processo de controle e distribuição do poder”. Mas, conforme Demo (2010, p. 115) “nada é mais velho na sociedade que suas estruturas empedernidas de poder”, que reagirão também à nova ameaça.

Dependendo da imagem que for escolhida, determinado campo de significação é ativado, conforme foi visto. A mentalidade *hacker* concebe com facilidade que palavras são usadas e que informações são suprimidas com o objetivo de manipular a opinião pública. Não se aperceber disso é um engano e indício de ingenuidade, segundo tal concepção. Desconfiar da autoridade e fazer circular as informações é parte de uma queda de braço. Para os propósitos deste artigo, considera-se *hacker* uma pessoa com conhecimento e habilidades acima da média com relação ao funcionamento interno dos sistemas e redes de informática. Alguns *hackers* agem em grupos e utilizam suas habilidades para invadir sistemas e disseminar vírus, sendo denominados *crackers* ou “*black hats*”, enquanto que aqueles que somente aprimoram *softwares* e apontam falhas de segurança seriam os “*white hats*”, ou simplesmente *hackers*. A fronteira exata entre esses grupos não é muito clara e é possível que eles sejam parte de uma subcultura mais ampla (Castells,

¹⁴ Fundador do *WikiLeaks* divide opiniões nos EUA. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,fundador-do-WikiLeaks-divide-opinioes-nos-eua,653693,0.htm>>. Acesso em: 10 mar 2011.

2003). A forma de interpretar sua visão de mundo pode variar, mas, essencialmente, a ética *hacker* pode ser descrita da seguinte forma, segundo HIMMA (2007):

- A informação deve ser livre e acessível a todos;
- O acesso aos computadores deve ser ilimitado;
- Os computadores e a internet podem ser uma força para o aperfeiçoamento da humanidade;
- Autoridades (governos) não são confiáveis.

Note-se que as expressões em (5) e (6)

(5) “defensor da liberdade” (p. 26) e

(6) “filósofo e orador da liberdade de expressão” (p. 234)

revelam como a visão de mundo *hacker* faz parte da construção identitária de Assange e é percebida na sua atitude, na interação com outras pessoas e na análise que se faz dele. Considere-se a figura do

(7) “nômade” (p.18), e

(8) “nômade global” (p. 230),

Que alude ao fato de Assange não ter endereço fixo. A figura do andarilho é recorrente na cultura cyberpunk e também na literatura *beatnik* (AMARAL, 2005). Mas, o mais importante deve ser o fato de que, sem um endereço, não é possível enviar liminares ou intimações (DOMSCHEIT-BERG, 2011).

Podem ser destacados, ainda, os processos metafóricos em (7) e (8)

(9) “estrela do rock” (p. 139) e

(10) “astro do rock” (250).

Nesses casos, a estratégia conceptual se superpõe às faces positiva e negativa e constrói uma dimensão artística. A revista *Rolling Stone* elegeu Assange o “roqueiro do ano”¹⁵.

Outras metáforas lhe são atribuídas, em artigos jornalísticos de opinião e em livros já publicados. A tendência que ora se apresenta é a de que a exposição que Julian Assange faz de si, por meio de entrevistas que concedeu e pela participação em eventos específicos da comunidade *hacker*, mas também através de seu temperamento, que proporciona aos que conviveram com ele motivos para criticá-lo, agrega ao site uma identidade, ora negativa, ora positiva. Em um sentido negativo, *ciberterrorismo* constitui a metáfora-mãe, tomada como referência para as demais referentes à identidade negativa e, por sua vez, o termo *cibermessianismo*, a matriz geradora de processos conceptuais relativos à identidade positiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseando-se nos pressupostos de Lakoff e Johnson, este artigo tem como proposta buscar conhecer alguns processos conceptuais, que se verificam em estruturas linguísticas consideradas como estratégias metafóricas, para verificar referências identitárias (*ethos*), relacionadas a Julian Assange e ao WikiLeaks. A partir disso, procurou-se evidenciar os modos como as metáforas são intencionalmente empregadas e como constroem faces de identidade positiva ou negativa e, assim, demonstrar a relevância e a adequação dos quadros teóricos aqui mencionados.

Considere-se, ainda, que o momento é propício para desenvolver esta pesquisa, porque novos fatos estão se apresentando regularmente, já que apenas uma parte muito pequena do total de documentos obtidos pelo *WikiLeaks* foi divulgada e, a cada novo vazamento, analistas e comentaristas escrevem artigos que descrevem implicações e consequências observáveis.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. **Visões perigosas**: uma arque-genealogia do cyberpunk : do romantismo gótico às subculturas : comunicação e cibercultura em Philip K. Dick. Porto Alegre: PUCRS, 2005. 291 f. Tese (Doutorado) – programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

¹⁵ Fundador do WikiLeaks é eleito o "roqueiro" do ano. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101214/not_imp653414,0.php>. Acesso em: 5 abr 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. v.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARDOSO, Carla; MELO, Olívia. Ciberliteratura: o (não) lugar da literatura no ciberespaço. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 179 out/dez 2009. p. 29–48.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: M.I.T. Press, 1965.

DEMO, Pedro. Coisas velhas em coisas novas: novas “velhas tecnologias”. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, n. 1, p. 101–121, jan/abr. 2010.

DOMSCHEIT-BERG, Daniel. **Os bastidores do WikiLeaks**: a história do site mais controverso dos últimos tempos escrita pelo seu porta-voz. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

DOMINGOS, José Antonio; COUTO, Sergio Pereira. **Wikileaks**: segredos, informações e poder. São Paulo: Idea, 2011.

ECO, Umberto. **As formas do conteúdo**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FILIPAK, F. **Teoria da Metáfora**. Curitiba: Livros HDV, 1983.

GUESSER, Adalto. A diversidade linguística da Internet como reação contra-hegemônica das tendências de centralização do império. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 36, n. 1, p. 79–91, jan/abr. 2007.

HIMMA, Kenneth Einar. **Internet security**: hacking, counterhacking, and society. Sudbury, Massachusetts: Jones and Bartlett, 2007.

HUNT WikiLeaks chief down like Osama bin Laden: Sarah Palin demands Assange is treated like Al Qaeda terrorist. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-1334341/WikiLeaks-Sarah-Palin-demands-Julian-Assange-hunted-like-Al-Qaeda-terrorist.html>>. Acesso em: 2 mar 2011.

HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1974.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2ª ed., 2001.

KENNEDY, Helen. WikiLeaks should be designated a 'foreign terrorist organization,' Rep. Pete King fumes. **Daily News**, nov 28 2010. Disponível em: <http://articles.nydailynews.com/2010-11-28/news/27082693_1_air-strikes-arab-leaders-WikiLeaks>. Acesso em: 2 abr 2011.

LAFER, Celso. WikiLeaks nas relações internacionais. **Política externa**, São Paulo, p. 11-17, mar-abr-maio, v. 19, n. 4, 2011.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LAKOFF, George. Metaphor and war: the metaphor system used to justify war in the Gulf. **Viet Nam Generation Journal**, v.3, n. 3, nov 1991. Disponível em: http://www2.iath.virginia.edu/sixties/HTML_docs/Texts/Scholarly/Lakoff_Gulf_Metaphor_1.html. Acesso em: 4 abr 2011.

_____. Metaphors of terror: the power of images. **In These Times**. 29 oct 2001. Disponível em: <<http://www.inthesetimes.com/issue/25/24/lakoff2524.html>>. Acesso em: 12 mar 2011.

LEIGH, David; HARDING, Luke. **WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**. Campinas, SP: Verus, 2011.

MACASKILL, Ewen. Julian Assange like a hi-tech terrorist, says Joe Biden. **The Guardian**. Dec 19 2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/media/2010/dec/19/assange-high-tech-terrorist-biden>>. Acesso em: 1 mar 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

RICOUER, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2005.

SWALES, John M. **Genre analysis**. Cambridge University Press, 1990.

VARGAS LLOSA, Mario. A lógica do terror. In: _____. **Sabres e utopias**. Objetiva, 2010. p. 117–120.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**. SP: Martins Fontes, 1987.

ZANOTTO, Mara Sophia et al. Apresentação à edição brasileira. LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.